

# 231 Partidos prevêem um Congresso mais conservador

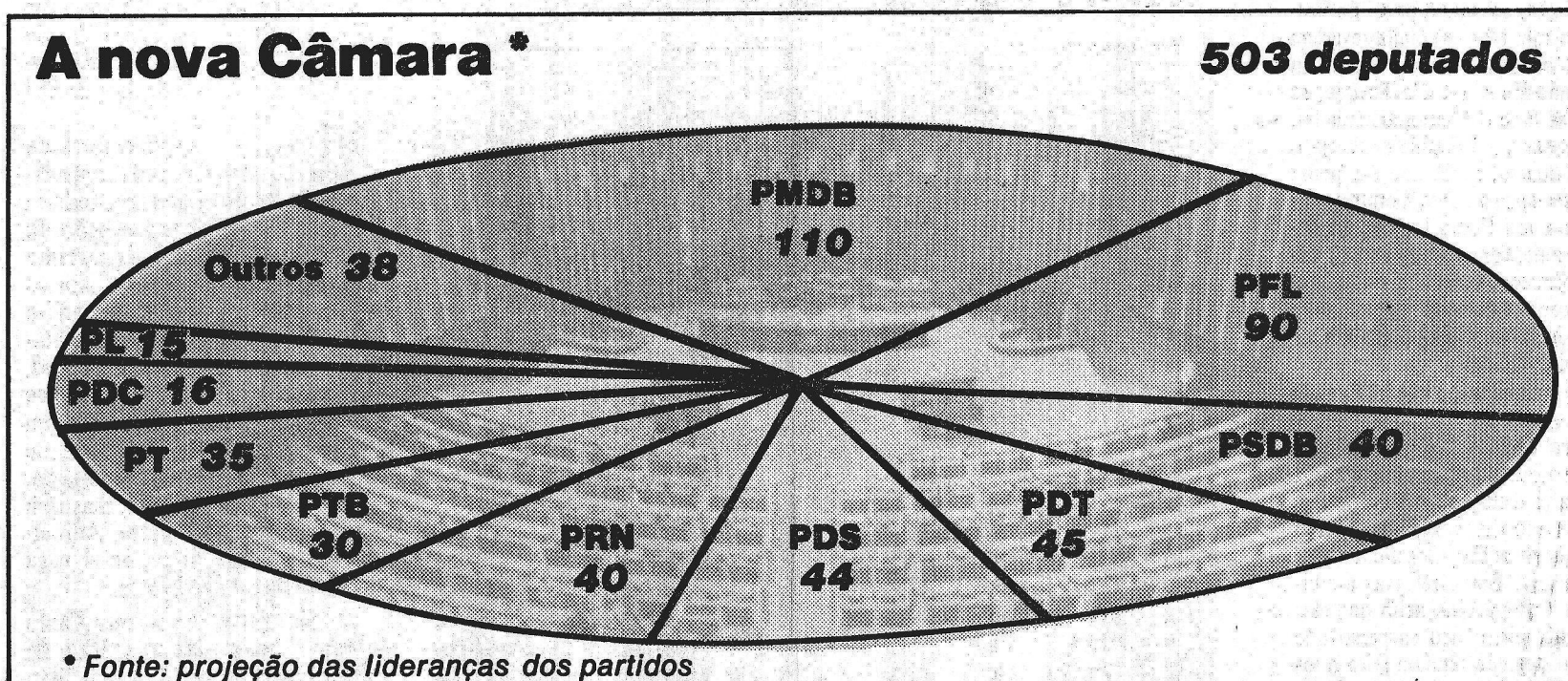
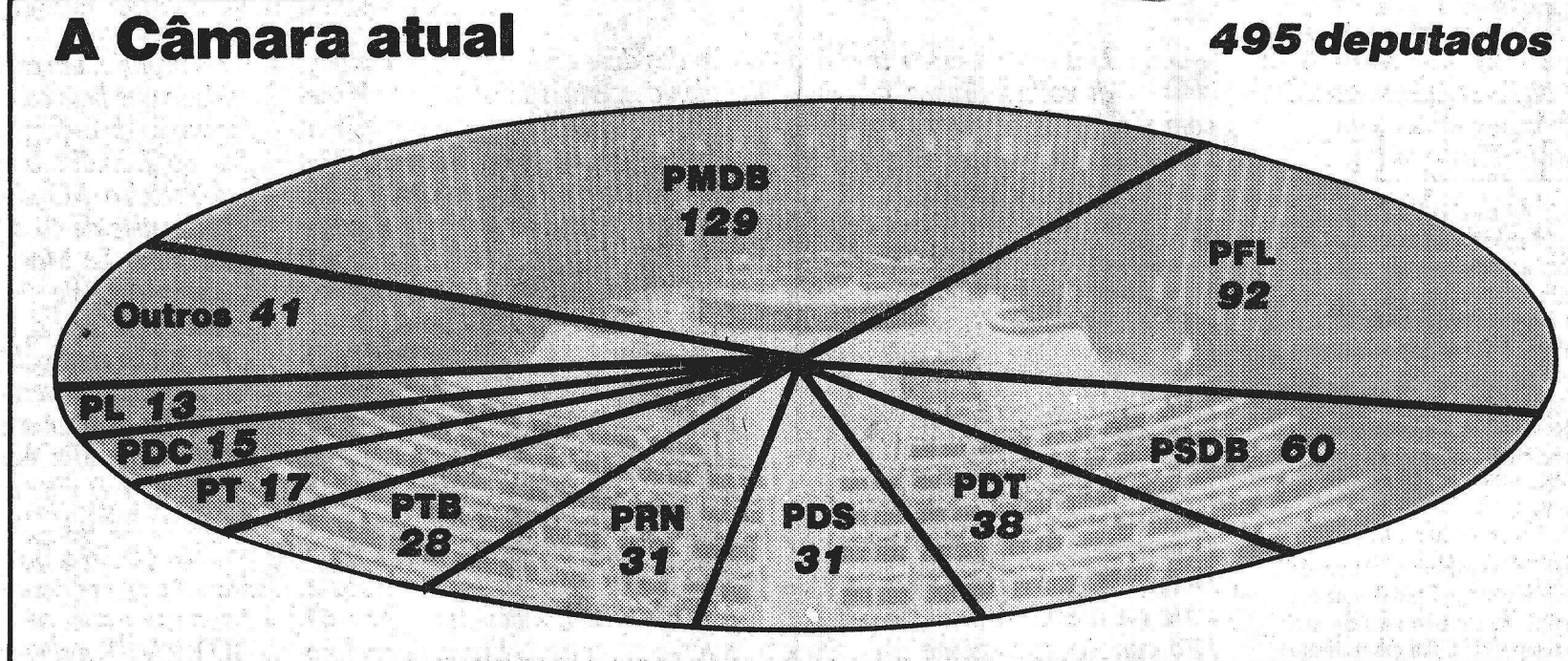
Christiane Samarco e  
Rita Tavares

BRASILIA — A direita vitoriosa e a esquerda que sobreviveu às urnas estão de acordo pelo menos num ponto: o novo Congresso será mais conservador do que o atual. Apesar do crescimento das bancadas do PDT e do PT, a esquerda perdeu seus aliados de centro, do PSDB e do PMDB. O PSDB foi dizimado na eleição e o PMDB volta com um perfil mais moderado. "Além de mais conservador, esse Congresso virá com um índice baixíssimo de representatividade, porque a avalanche de votos brancos e nulos fez com que os vitoriosos representassem apenas 30% do eleitorado", avalia o deputado Marcelo Cordeiro (PMDB-BA).

Contribuirão para engrossar as fileiras conservadoras os novos parlamentares eleitos pelos ex-territórios de Roraima e Amapá, que, transformados em estados, ganharam o direito de eleger oito deputados cada um, quatro além da bancada anterior. Com isso, o número de deputados na Câmara sobe de 495 para 503.

Com a derrota dos candidatos de centro, o novo Congresso será mais radical nos debates e votações. "As posições se tornarão mais claras e as defesas mais apaixonadas, pois a ambigüidade foi banida pela eleição", comenta a deputada Cristina Tavares (PDT-PE), que não foi reeleita. Isso explica, por exemplo, o crescimento do PT, cujas projeções indicam que sua bancada saltará dos atuais 17 deputados (elegeu 16 em 1986), para talvez mais de 35. O PDT também cresceu: a bancada federal eleita em 86 tinha 24 deputados e dois senadores, conquistou mais de uma dezena de parlamentares ao longo do mandato e deve voltar com cerca de 45 integrantes.

O PMDB manterá o título de maior partido no próximo Congresso. Até a tarde de sexta-feira, o líder na Câmara, Ibsen Pinheiro (RS), contabilizava a eleição de pelo menos 110 deputados. Isso não significa exatamente uma vitória: afinal, o PMDB de quatro anos atrás elegeu 260 deputados, dos quais mantém hoje apenas 129. Mesmo assim, Ibsen defende que o resultado qualifica o partido a reivindicar as presidências da Câmara e do Senado — manda a tradição que o comando seja dado ao partido majoritário. Mas isso não será tão pacífico quanto o líder



imagina. O bloco conservador, animado com a vitória de governadores pefelistas nos estados, já levantou a hipótese de apoiar um candidato do PFL para presidir a Câmara.

**Governistas** — As previsões mais otimistas de lideranças do PFL estimavam, no início da apuração, que a nova bancada poderia chegar a 120 parlamentares. No início de 1986, o ex-líder do PFL, José Lourenço (hoje no PDS baiano), comandava 118 depu-

tados, número que subiu para 130 durante a legislatura. Agora, as projeções dos votos apurados até sexta-feira indicavam que serão eleitos de 85 a 90 deputados. De qualquer maneira, o deputado prevê um perfil governista — ele rejeita o rótulo de conservador — para o novo Congresso.

O líder do PDS na Câmara, Amaral Netto (RJ), comemora sem eufemismos o crescimento da direita. Seu partido

começou a atual legislatura com 33 deputados e deve voltar com uma dezena a mais. "Quem ganhou essa eleição dobrou sua força. Teremos de ser ouvidos pelo governo na hora das decisões", disse Amaral, prevendo duros embates na Câmara. "Afinal, nenhum partido aprovará nada com tranquilidade."

Na abertura do novo Congresso, o PFL já estará desfalcado do deputado José Thomaz Nonô (AL), que consultará a Justiça Eleitoral sobre a possibili-

dade de ser empossado sem partido. "Quando o PFL formalizar o seu apoio irrestrito ao governo Collor, eu quero estar fora", diz Nonô, vitorioso depois de uma campanha de oposição ao presidente Fernando Collor em seu estado. Ele calcula que o governo Collor terá uma maioria sem consistência no Congresso, semelhante à que teve o ex-presidente José Sarney: com pouca fidelidade e confiabilidade.

"Vamos enfrentar muitos xiitas", prevê o deputado Luís Roberto Ponte (RS), reeleito pelo PMDB. "Os setores ideológicos compareceram às urnas e voltam ao Congresso com mais carga, acirrando os ânimos." Para ele, prova disso é a eleição de líderes sindicais ligados à CUT e de quatro representantes do Movimento dos Sem-Terra, que agora engrossam as fileiras do PT. "O PT deixará de ser considerado um partido pequeno e terá força para disputar cargos de comando da Câmara na Mesa Diretora, as presidências de comissão, além de ter mais autonomia em plenário", acredita o líder petista na Câmara, deputado Gumercindo Milhomem (SP).

**Forças** — Aliados tradicionais do PT, os deputados do PDT vêm dispostos à briga. "Qualquer que seja o resultado final das urnas, a bancada virá fiel e obediente ao programa do partido", sentencia o deputado Miro Teixeira (PDT-RJ). Desde já, ele avisa que os pedetistas não participarão de blocos parlamentares, para evitar a "descaracterização ideológica", mas reforçarão a luta das esquerdas. Até o PC do B contribuirá para esse reforço, porque também cresceu: sua bancada atual de três deputados terá pelo menos quatro representantes, podendo, segundo as projeções, chegar a sete.

Além das lideranças formais, outras, invisíveis, terão força dentro do Congresso. O melhor exemplo é o do provável governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que terá sob seu comando cerca de duas dezenas de parlamentares. "Não vai passar nada aqui sem que se ouça o Antônio Carlos", comentava com um parlamentar baiano o líder do PDS, Amaral Netto, na semana passada.

ACM será um dos poucos governadores eleitos a concentrar tanto poder no Congresso Nacional. "Isso vai exigir negociação permanente com o governo federal, pois a bancada obedece exclusivamente a Antônio Carlos e não a Collor", avalia o deputado José Thomaz Nonô. O futuro senador José Sarney, embora tenha sido presidente da República, não terá no Congresso uma liderança efetiva. Conseguiu eleger alguns amigos e seus dois filhos, Sarney Filho e Roseana, mas as amizades que fez, durante o governo, hoje estão mais próximas do presidente Collor.